

DESTAQUES DO PORTAL A TARDE



Luciano da Matta/Ag. A Tarde/18.9.2016

Vai curtir um show em Salvador? Veja os destaques agenda2mais.atarde.com.br

Não vá ao cinema sem consultar o Cineinsite www.atarde.com.br/cinema

www.atarde.com.br
71 3340-8991 (Cidadão Reporter)
71 99601-0020 (WhatsApp)

EDITORIAL Trump na contramão

O milionário Donald Trump parece que se impôs como compromisso dar um susto atrás do outro no mundo civilizado, desde que se elegeu presidente do Estados Unidos. Depois de ter rejeitado a Aliança do Pacífico e imposto uma negociação rude com o México e o Canadá no Acordo de Livre Comércio, ele anuncia, agora, a saída dos EUA do acordo sobre o clima que foi firmado em Paris com a adesão de 195 países, para a redução da emissão de gases de efeito estufa, alegando que o pacto climático é desvantajoso para os interesses da economia e dos trabalhadores americanos, e que o acordo beneficia outros países em detrimento dos

interesses americanos. Trump preferiu ignorar a série de críticas feitas por diversas entidades e instituições, entre as quais estão a Organização das Nações Unidas (ONU) e a O ato do milionário presidente isola os EUA no que se refere à política ambiental defendida pela maioria dos países

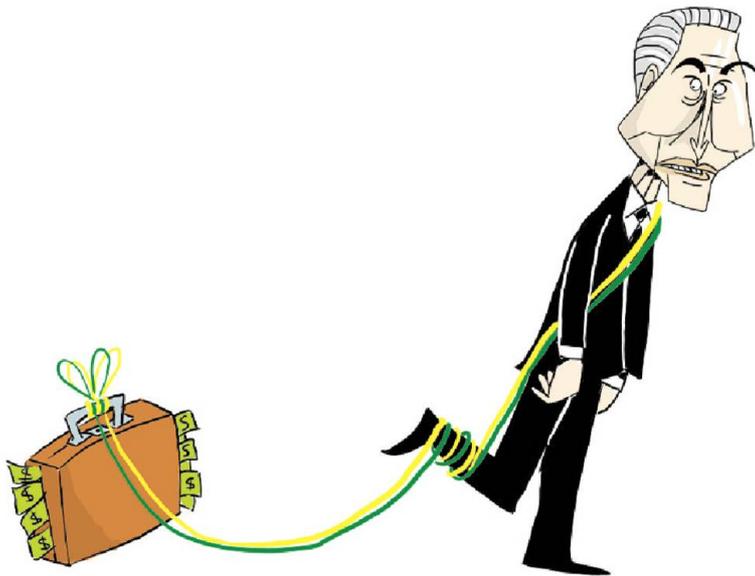
União Europeia, além de gigantes empresariais da área de energia como Exxon, General Electric e Chevron. E muito menos se preocupou com o grito unânime da comunidade científica. Sua proposta é renegociar uma nova entrada no pacto com termos que considere mais justos com o povo americano, embora ele esteja pensando mesmo é nos interesses da indústria carvoeira. Na verdade, a análise feita pelos especialistas vai na direção de que pouco efeito prático deverá ter o bombástico anúncio, uma vez que até as grandes empresas norte americanas consideram que a única saída é realmente im-

por restrições ao "desenvolvimentismo destrutivo". O efeito é muito mais político, de enfraquecimento de decisões que venham a ser tomadas no âmbito do Acordo de Paris, além de marcar uma linha contrária às ações que têm sido propostas pelos mais renomados cientistas do mundo. De qualquer forma, o ato do milionário presidente isola os EUA no que se refere à política ambiental defendida pela maioria dos países, o que é ruim, uma vez que ante tantas dificuldades enfrentadas, só o esforço conjunto global pode achar saídas para o processo de auto destruição em que a Terra se encontra.

BRUNO AZIZ

A crise da construção civil

Paulo Ormino de Azevedo
Arquiteto, professor titular da Ufba
pauloormindo@gmail.com



A construção civil, que era uma das atividades que mais empregava, está em crise. Para os empresários da área isto seria resolvido com o novo PDDU em cuja elaboração tiveram grande participação. O PDDU só fez inflacionar artificialmente o solo urbano, o que piorou a crise, e não resolveu o problema, que é nacional. Eles precisam compreender que o país tem hoje 85% de população urbanizada e taxa de natalidade igual à dos países desenvolvidos. Isto significa uma diminuição radical da demanda quantitativa de novas habitações. Por outro lado, o mercado imobiliário não é mais atrativo para uma classe média alta de comerciantes, prestadores de serviço e profissionais liberais que investiam nesse setor. Os aluguéis de apartamentos e salas dificilmente atingem 5% ao ano, taxa igual à da inflação, quando aplicações financeiras rendem, no mínimo, 12%. Comprar na planta para vender na entrega das chaves virou caveira de burro. Temos, sim, um passivo qualitativo muito grande representado por nossas favelas dominadas pelos quarteis da droga. A política nacional neste setor é um desastre. O Programa Minha Casa Minha Vida, concebido para socorrer o setor imobiliário, foi um tiro pela culatra. Está criando cidades esgarçadas, o que encarece tremendamente a infraestrutura e aumenta a demanda de transporte automotivo e o tempo perdido. E, o pior, não resolve o problema da integração. Este tipo de programa segregacionista inaugurado no Rio, na época de Lacerda, com a Cidade de Deus e a Vila Kennedy viraram favelas dominadas pelas máfias. Vocês se recordam do filme Cidade de Deus?

O sonho de uma menina

Yvette Amaral
Professora universitária
yvettemosamaral@gmail.com

Não é ficção, é caso real. Uma criança, mais ou menos oito anos, mora numa favela do Rio. Pobre, mas a mais sonhadora. Ela nutria um sonho: comemorar seu aniversário. Uma jovem sabe do fato e propõe às amigas preparar uma festa para o seu próximo aniversário. Cada uma fez o que pôde, e na data prevista o encontro aconteceu, com convidados, bolo com vela, bolas enfeitando o ambiente e outros componentes de tal comemoração. Imaginamos a alegria da garota cujo coração transbordou de felicidade. Viveu o seu sonho envolvido na emoção da surpresa. Fazendo uma leitura desse evento, aprendemos algumas lições. Primeiramente o gesto tão humano da protagonista da festa. Não podendo assumir tudo sozinha, apela para colaboração de outras

que também merecem elogios por terem acolhido a proposta. As colaboradoras ensinam que muitas vezes estão disponíveis mas lhes falta iniciativa. Precisam de quem as convoque. Pensemos agora no que representou para aquela menina comemorar pela primeira vez seu aniversário, cercada de convivas, recebendo parabéns e presentes, respirando o aroma da amizade, sendo destacada num ambiente, ela que só conheceu o anonimato numa multidão de infelizes. Por outro lado, as patrocinadoras daquela liturgia da fraternidade, experimentaram a alegria de ter feito o bem, de ter proporcionado momentos venturosos a um coração infantil frustrado por uma grande utopia. E para nós que, através da TV, tomamos conhecimento da festa tão edificante, uma breve reflexão sobre a desigualdade social, pano de fundo da encenação. Por que uns podem festejar anualmente seu aniversário, até com opulência, e outros precisam da generosidade de um estranho para ouvir "parabéns pelo seu ani-

versário"? Na verdade aquela festa foi uma esmola de quem pode dar a quem se acostumou a receber. Vivemos numa sociedade de cruel injustiça na distribuição dos seus bens. Naquele dia uma criança da favela é alvo de uma homenagem promovida pela generosidade de desconhecidos. Não seria maior a sua felicidade se a iniciativa partisse dos seus pais? Sua alegria não seria mesclada por um sentimento de inferioridade por conta da sua pobreza. Louvemos os que procuram aliviar o sofrimento do irmão com gestos de amor mas que infelizmente apontam para uma situação social de desigualdade profunda. A pessoa humana, cuja dignidade é igual em todas as criaturas, jamais devia necessitar de assistencialismo, que é válido, mas não erradica a causa do mal. Alivia sintomas, sem curar definitivamente. É sobre ajudar os pobres, porém é melhor lutar para que esses não existam, para que todos convivam, como irmãos, numa comunidade onde cada um cresce por seu próprio esforço, mantendo intacta a sua dignidade.

Soluções existem, como o programa Favela Bairro, implantado pelo arquiteto Paulo Conde como secretário de urbanismo e prefeito do Rio, na década de 1990. O programa melhorava a acessibilidade e implantava equipamentos sociais e de lazer nas favelas, mas não teve continuidade porque não contemplava as grandes empreiteiras. O que se tentou em seu lugar é um fracasso, as UPPs. Unidades de Polícia Pacificadora, que apostaram na repressão e não na urbanização e integração social. O resultado é evidente nas UPPs do Alemão e da Maré, em permanente conflito. Se não bastassem essas mazelas, as construtoras brasileiras, tratadas como se todas fossem corruptas, no show global das 20h30, foram trituradas para dar lugar às empreiteiras chinesas, que estamos assistindo no setor elétrico, na Fiol, no Porto Sul e na superflua ponte Salvador-Ilha. Estamos exportando empregos para a China e aumentando a mendicância, a informalidade e as aracolândias dos desesperados. A economia de Salvador não pode se basear só nessa atividade sem futuro. Diversificar é preciso. O que estamos fazendo pelas manufaturas não poluentes, pelo terciário superior, pela pesquisa de ponta?